

JORNALISMO CIENTÍFICO: PROBLEMAS RECORRENTES E NOVAS PERSPECTIVAS

Resumo

O artigo aborda o Jornalismo Científico como uma prática social mediadora em torno de um tipo particular de informação e das técnicas que orientam a elaboração das notícias. Discute os entraves ainda encontrados no Jornalismo Científico praticado na grande imprensa, desdobrando-os em cinco grandes categorias: a) o relacionamento entre cientistas e jornalistas; b) o teor e a procedência das matérias sobre Ciência e Tecnologia; c) o sensacionalismo da imprensa d) o (des)preparo dos jornalistas e) a monofonia do Jornalismo Científico. Paralelamente, evidencia também novas conquistas do Jornalismo Científico como campo e prática profissional: expansão da abrangência temática, a conquista de novos e crescentes espaços nos veículos de comunicação, tratamento visual mais cuidadoso das notícias publicadas sobre Ciência e Tecnologia e o crescimento dos cursos voltados para o Jornalismo Científico, especialmente em nível de pós-graduação. Utiliza exemplos da revista Veja e do jornal Zero Hora.

Palavras-chave: Jornalismo científico. Jornalismo. Comunicação científica. Imprensa.

Anelise Rublescki

Bolsista do CNPq.
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
anelise_sr@hotmail.com

SCIENTIFIC JOURNALISM: OLD PROBLEMS AND NEW PERSPECTIVES

Abstract

The paper takes the Scientific Journalism as a mediator social practice, concerning to a particular type of information and techniques that guide the news' writing process. Discusses the problems of Scientific Journalism's practice in the great press, unfolding them into five broad categories: a) the relationship between scientists and journalists; b) the content and origin of the journalist informations about Science and Technology, c) the sensationalism of the press d) the training of journalists e) the mono speech of Scientific Journalism's sources. Also shows new perspectives for Scientific Journalism as theoretical field and practice: expanded coverage area, more spaces for scientific news on media, careful layout for news about science and technology and the increasing of courses geared to the Scientific Journalism, **graduate courses**. Uses examples of Veja magazine and Zero Hora newspaper.

Key-word: Scientific Journalism. Journalism. Scientific Communication. Press.

1 INTRODUÇÃO

O termo Jornalismo Científico, tradução do *Scientific Journalism* usual na literatura americana e inglesa, tem sido utilizado para definir uma prática específica da imprensa para divulgação de informações especializadas sobre toda a amplitude da Ciência e Tecnologia (C&T). Entre as temáticas que aborda incluem-se as descobertas científicas, as novas tecnologias, pesquisas teóricas e aplicadas em áreas tão amplas que vão, apenas para enumerar algumas, das Ciências Biomédicas às Exatas, passando pelas Humanas e pelo meio ambiente. Sem dúvida temos aqui um Jornalismo Especializado, sendo hoje a área de maior abrangência temática do Jornalismo.

O Jornalismo Científico atua como um dos elementos de ligação entre a comunidade científica ou tecnológica e a sociedade em geral, fazendo de domínio público, em seu sentido mais amplo, os avanços desses campos. Ao profissional que nele atua cabe conciliar o papel informativo/disseminador de Informação Científica e Tecnológica com as regras, princípios e rotinas produtivas da imprensa.

Faz-se necessária aqui uma primeira discussão conceitual sobre o Jornalismo Científico. Frequentemente ele é pensado por sua faceta com a Ciência, recaindo a análise da expressão no termo “científico”. Contudo, defende-se que o Jornalismo Científico é, antes de tudo, Jornalismo, estando, portanto, sujeito às mesmas rotinas produtivas, práticas profissionais e normas empresariais de qualquer outro jornalismo, geral ou especializado. É farta a bibliografia sobre os constrangimentos empresariais, a cultura profissional e os determinantes pessoais que interferem na elaboração das notícias (TUCHMANN, 1993; TRAQUINA, 2005, 2001, 1993; SOUSA, 2002, 2004; SERRA, 2004; WOLF, 2003) e que moldam o campo¹ do Jornalismo.

¹ No presente trabalho adota-se a noção de campo social proposta por Rodrigues (1990, p. 152, grifos do autor), considerado como uma instituição social, uma esfera de legitimidade. “Entendemos por *campo dos media* o campo cuja legitimidade expressiva e pragmática é por natureza uma legitimidade delegada dos restantes campos sociais [...] quer prossiga modalidades de cooperação, visando, nomeadamente, o reforço da força da sua legitimidade, quer prossiga modalidades conflituais, de exacerbação das divergências e dos antagonismos.”

Pensamos o Jornalismo como uma prática social mediadora entre os eventos que ocorrem no nosso dia-a-dia, no mundo, e o público, que tem deles uma leitura, um entendimento, a partir dos fatos divulgados pela imprensa, “com um contrato de leitura específico, amparado na credibilidade de jornalistas e fontes.” (BENETTI, 2007, p. 50).

É esse caráter específico da mediação jornalística entre os diversos campos e o leitor que o particulariza como profissão e prática; um campo cujo capital essencial é a credibilidade (BERGER, 1998), em torno de um tipo particular de informação, e das técnicas que orientam a elaboração das notícias. Por técnicas entendemos, a partir das orientações e posicionamento (mesmo que implícito) das empresas jornalísticas, as rotinas produtivas jornalísticas de como escrever uma “boa” notícia, por sua seleção temática e enfoque, apuração (rigor, polifonia das fontes) e redação, em seu já consagrado modelo pirâmide invertida² que, entre outras funções, tenta domar a subjetividade dos relatos e das versões da realidade.

O jornalismo da grande imprensa ao qual nos referimos nesse trabalho é resultante das profundas transformações ocorridas entre o final dos anos 1970 e o início dos anos 1980, tendo por base a queda vertiginosa na leitura de jornais americanos, europeus e canadenses. Como decorrência e em busca da superação da crise, editores e proprietários dos grandes e médios jornais adotaram posturas de integração redação-marketing-publicidade, além de imporem um jornalismo menos denso, como forma de recuperar os leitores perdidos para o fragmentado, ágil e superficial discurso televisivo. Este modelo de jornalismo também foi adotado pela imprensa brasileira, especialmente a partir dos anos 1990.

Foram rupturas que levaram os impressos a se distanciar do perfil de veículos de reflexão, transformando-os em produtos coloridos, leves, com crescente uso de imagem em detrimento de textos. Assim, embora o presente trabalho dedique-se a discutir

² Disposição das informações, por ordem decrescente de importância, em um texto jornalístico. O primeiro parágrafo busca responder às questões o quê, quem, quando, onde, como e por quê. Uma crítica recorrente à imprensa é a ausência do “como” e do “por quê”, resultando em notícias descontextualizadas e fragmentadas.

especificamente o Jornalismo Científico, diversas questões configuram-se como pertinentes à imprensa de forma mais ampla.

Vários autores têm se manifestado sobre os conflitos entre os campos da Ciência e do Jornalismo. A discussão, que já dura duas décadas e pontua os entraves ainda encontrados no Jornalismo Científico, pode ser desdobrada em cinco grandes categorias: a) o relacionamento entre cientistas e jornalistas; b) o teor e a procedência das matérias sobre C&T; c) o sensacionalismo da imprensa d) (des) preparo dos jornalistas e) a monofonia do Jornalismo Científico. Como novas conquistas, o Jornalismo Científico demonstra fôlego em temáticas onde a cobertura jornalística era inexistente até poucos anos, bem como a conquista de novos e crescentes espaços nos veículos de comunicação. Destaca-se também o tratamento visual mais cuidadoso das notícias publicadas sobre C&T e o crescimento dos cursos voltados para o Jornalismo Científico, especialmente em nível de pós-graduação. Pontuar e discutir essas questões são os objetivos do presente artigo.

2 JORNALISTAS E CIENTISTAS: DISCURSOS E SISTEMAS PRODUTIVOS DIVERSOS

O modo adequado de redigir uma matéria jornalística varia de acordo com o veículo que transmite a informação e com o público a que se destina, mas apresenta alguns requisitos. O mesmo, é claro, ocorre com a redação de um texto científico, com as características intrínsecas e formais que lhe são próprias. Oliveira (2002, p. 43) pontua algumas diferenças entre esses discursos:

A redação do texto científico segue normas rígidas de padronização e normatização universais, além de ser mais árida, desprovida de atrativos. A escrita jornalística deve ser coloquial, amena, atraente, objetiva e simples. [...] O trabalho científico normalmente encontra amplos espaços para publicação nas revistas especializadas, permitindo linguagem prolixa, enquanto o texto jornalístico [...] deve ser enxuto, sintético.

Também são formas diversas de rotinas produtivas as que permeiam os dois campos, o científico e o jornalístico, reconhecidamente distintos:

Parte-se do pressuposto de que, enquanto a Ciência e a Tecnologia decorrem de processos de longa maturação e que, portanto, não estão condicionadas à obtenção de resultados a curtíssimo prazo, a Comunicação e o Jornalismo em particular dependem estritamente da coleta e da circulação rápida de informações. Esta distinção provoca conflitos reais no relacionamento entre os representantes das duas áreas, já que, movidos por intenções distintas, tendem a enxergar, sob óticas diversas, o processo de divulgação dos resultados de pesquisa (BUENO, [200-?]).

Na divulgação da pesquisa e na elaboração da notícia a formação de consensos e da universalidade assemelham as estratégias da legitimidade do campo dos *media* e do campo científico. Contudo, “embora os valores de adequação e da transparência persistam em ambos os campos, a relação hierárquica entre eles é, no entanto, invertida, prevalecendo a transparência no campo dos *media* e a adequação no campo científico.” (RODRIGUES, 1990, p.155).

O rigor metodológico e da apresentação dos resultados tão caro ao campo científico vê-se confrontado com a limitação de espaço no jornalismo impresso, com o enfoque das notícias e a famosa pressão do tempo, agora ainda reforçada pela febre das notícias em tempo real. Este é um dos entraves recorrentes ao desenvolvimento do Jornalismo:

É forçoso reconhecer que o jornalista científico, premido pela pressão do tempo, encontra obstáculos na sua tarefa de comunicar ao público os temas ligados a Ciência e Tecnologia. Muitas vezes, pela insensibilidade dos editores, vê-se obrigado a tratar de um assunto de forma demasiado superficial (BUENO, 1984, p. 48).

Em algumas situações, o próprio redator mostra-se incapaz de evidenciar ao editor, seu primeiro leitor, a importância de um assunto/matéria. A política editorial, a superficialidade e o sensacionalismo, especialmente nos títulos, são barreiras discutidas há 20 anos, mas que pouco evoluíram em uma solução na grande imprensa.

3 SENSACIONALISMO E (DES) PREPARO DOS JORNALISTAS

Potencialmente, todo processo de comunicação é sensacionalista, pois atua cognitivamente. Contudo, sensacionalismo, na prática jornalística, tem uma definição bem precisa:

[...] caracteriza-se por intencional exagero da importância de um acontecimento na divulgação e exploração de uma matéria, de modo a emocionar ou escandalizar o público. Esse exagero pode estar expresso no tema (no conteúdo), na forma do texto e na apresentação visual da notícia. (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 424).

É importante salientar que os títulos das matérias científicas veiculadas nos jornais de grande circulação, assim como das demais notícias de outras editoriais,³ embora curtos *à priori*, devem conter a síntese do que é publicado e, paralelamente, despertar a atenção do leitor. O equilíbrio nem sempre é alcançado. Nas bancas de jornais é necessário que o leitor opte pelo veículo “A”, não pelo do concorrente. A questão dos títulos sensacionalistas – tão discutida na literatura acerca do Jornalismo Científico e da imprensa de modo geral – parece estar diretamente relacionada com o quesito “destaque”, isto é, com a necessidade dos veículos de comunicação de massa de provocarem impacto em poucas palavras.

Ocorre que a falta de contextualização e mediação que se espera do Jornalismo realimenta, nesses casos, a crítica à superficialidade. Um título dito sensacionalista não desobriga o corpo da matéria de explicá-lo adequadamente. Uma manchete, por exemplo, “descoberto gene do câncer” significa para o leitor que o câncer tem ou terá, no mínimo, novos tratamentos. Possivelmente, cura num futuro breve. Para o cientista, significa que um dos inúmeros genes do câncer foi mapeado, cerca de uma década de novas pesquisas até

³ “Cada uma das seções de uma empresa editorial, de um órgão de imprensa, de uma obra de referência etc., sob a responsabilidade de um editor especializado. Ex.: editoria econômica, editoria política, editoria de artes, editoria de esportes etc.” (EDITORIA, 2001, p. 175).

que aquele conhecimento se torne aplicável (ou não), combinado com inúmeros outros fatores, de múltiplas e paralelas pesquisas em andamento no Brasil e no mundo. A falta de aprofundamento da notícia, a superficialidade da cobertura, torna o título sensacionalista, visto que não cumpre o esclarecimento a que se pressupõe.

Há também lógicas estruturais distintas entre os discursos da imprensa e do campo científico, que desagradam aos cientistas e realimentam a discussão em torno da superficialidade e do sensacionalismo da imprensa. "O discurso jornalístico opera uma reversão da superestrutura do texto científico: as conclusões das pesquisas e as potenciais aplicações de seus resultados no cotidiano das pessoas ganham posição de destaque" (ZAMBONI, 1997, p. 161), já que acabam por constituir o título e o *lead* da notícia.

Não se pode negar que a ampliação dos domínios da Ciência e da Tecnologia representa um obstáculo aos jornalistas, visto que a formação na graduação não os prepara para os conceitos que lidam e tampouco as empresas jornalísticas investem no profissional. Como um não especialista, ele se vê sempre às voltas com temas e teorias que lhes são estranhos, escritos em uma linguagem especializada, permeada de termos técnicos, alguns incompreensíveis. Sua tarefa de intermediário entre o cientista e o público em geral torna-se árdua, especialmente em casos em que as fontes de informação – documentos ou entrevistados – mostram-se inacessíveis.

O fato da Ciência e da Tecnologia apresentarem-se em constante mutação requer do profissional de imprensa uma atualização periódica, difícil diante das condições de trabalho: baixos salários, reduzido apoio das empresas jornalísticas em aprimoramento profissional, pouco tempo para pesquisas em arquivos/bancos de dados já que, com equipes cada vez menores, cada profissional tem que produzir mais matérias. Essa é uma realidade que permeia as redações de modo geral, o que explica, mas não justifica a baixa qualidade do trabalho dito investigativo no Jornalismo.

Especificamente no Jornalismo Científico, uma nova conquista quanto ao preparo dos profissionais da imprensa é o crescimento dos cursos especializados na área, que se

multiplicam por todo o País, em nível de especialização, mestrados ou doutorados. A especialização no Jornalismo Científico poderá delinear um quadro diferente nas redações dos jornais diários, com profissionais mais conscientes das particularidades da área em que atuam e mais preparados para lidar com a vasta abrangência temática que hoje o caracteriza.

4 A NOVA ABRANGÊNCIA TEMÁTICA DO JORNALISMO CIENTÍFICO

O jornalismo especializado em C&T cresceu e deixou para trás a época em que era apenas uma coluna ou página em algum dia específico da semana, como ocorria nos principais jornais brasileiros na década de 1990. Hoje o Jornalismo Científico se faz presente em editorias diversas e demonstra duas tendências, aparentemente antagônicas, mas que se complementam: o lançamento sistemático de suplementos especializados em áreas que são cobertas pelo Jornalismo Científico e a inclusão de notícias sobre temas a ele correlatos pelo todo do jornal, em função do foco da matéria. Esse crescimento do Jornalismo Científico engloba, inclusive, a editoria denominada geral, isto é, como um assunto não específico de uma área.

Isso ocorre porque uma mesma informação pode sempre ser desenvolvida por diferentes óticas. Por exemplo, a notícia de um novo computador que está sendo lançado no mercado pode ser veiculada na editoria de Ciência se a ênfase do texto for a conquista tecnológica, que agregue valor especial à vida das pessoas; na seção de negócios se o enfoque for o lucro ou especial montante de unidades vendidas; na de finanças, se a cobertura pontuar para o retorno financeiro ou otimização de rotinas que ele propicia às empresas que o adotem. Poderia estar também na política ou em legislação se tivesse sido desenvolvido em cooperação tecnológica por dois países e surgisse uma disputa legal sobre o privilégio de patente ou, mais uma entre tantas outras possibilidades, na editoria geral,

caso a ênfase da matéria indique ser o computador um dos artigos mais procurados para o próximo Natal, por exemplo.

Paralelamente e de forma complementar, essas abordagens não excluem que a notícia também integre o caderno específico de Informática ou os cadernos especiais de Tecnologia, segmentos que mais crescem em área de cobertura na imprensa, inclusive em revistas de grande circulação, como a semanal *Veja*.

Em pesquisa realizada em dez edições da revista *Veja* (edição 2077 de 17 de setembro de 2008 à edição 2085 de 5 de novembro de 2008) foram encontradas 38 matérias versando sobre C&T, perfazendo um total de 117 páginas de texto e ilustrações. O espaço dedicado a C&T nessa amostragem corresponde a 13,68% do total de textos das edições, excluindo-se apenas os anúncios publicitários, abrangendo cartas do leitor, colunas fixas, editorial, sumário etc. No material analisado, 62 páginas versavam sobre Medicina, beleza (associada com novas conquistas tecnológicas ou científicas) e saúde, representando 53% das páginas dedicadas à Informação Científica e Tecnológica nessas dez edições.

Nesse mesmo período, foram lançadas duas edições especiais de *Veja*: Tecnologia (que circulou junto com a edição 2078, de 17 de setembro de 2008) e o Especial de Natal Tecnologia (com a edição 2085 de 5 de novembro de 2008). Essas edições especiais apenas fortalecem a constatação de que Tecnologia está entre os temas que mais crescem em área de cobertura no Jornalismo especializado/científico em decorrência do significativo e exponencial desenvolvimento da área nas últimas duas décadas. Assim, embora no corpo da revista *Veja* semanal o tema tecnologia pareça merecer menor destaque do que Medicina, por exemplo, tal análise deve ser feita com cuidado. Ressalta-se também que as matérias diretamente ligadas às conquistas tecnológicas freqüentemente aparecem sob outras rubricas como Internet e Geral.

As capas semanais de *Veja* trazem um grande destaque (a matéria principal) e freqüentemente duas ou três chamadas para outras matérias. No *corpus* analisado, encontramos, além das dez matérias principais, 20 chamadas para outras matérias. Destas,

três matérias centrais de capa eram sobre C&T, bem como seis pequenos títulos que remetiam para outras reportagens. Vale lembrar que o período selecionado coincidiu com a grande crise financeira/bancária que assolou a economia mundial, o que resultou em quatro capas com variações sobre este tema central.

É importante ressaltar que, além da maior abrangência temática do Jornalismo Científico, houve uma alteração na elaboração das matérias, acompanhando uma mudança no todo da grande imprensa. O Jornalismo que se pratica hoje é voltado para o interesse de leitura do leitor; este sempre mobilizado mais diretamente com o que lhe é próximo e familiar.

Com o objetivo de melhor compreender o leitor e seus interesses de leitura, durante o mês de novembro de 2008 mapeamos todas as cartas de leitores publicadas no jornal *Zero Hora* e nas edições *Veja on-line*, numa amostragem das interações espontâneas dos leitores com esses veículos. A seleção de um novo *corpus*, incluindo a versão *on-line* da *Veja* e 30 edições do jornal *Zero Hora*, teve por objetivo proceder um levantamento mais pontual entre noticiário diário e manifestações dos leitores. A versão *on-line* da revista *Veja* dedica um espaço bem maior para cartas e perguntas do leitor do que a impressa.

A análise do conteúdo das cartas respondidas demonstra claramente o tipo de informação que o leitor busca. As cartas procuram informações corriqueiras, normalmente sobre problemas comuns de saúde e não raro denominando as doenças por seus nomes populares. Perguntas sobre gravidez, disfunções sexuais, “pé chato”, “ronco” estão entre alguns assuntos abordados. Destacam-se as perguntas sobre Medicina (tratamentos após um diagnóstico ou explicação do que é “essa doença que tenho”) e, no caso da *Veja on-line*, as perguntas ligadas ao bem estar, envelhecimento com qualidade de vida e prática de atividades físicas.

Os leitores do material analisado demonstram estarem mais interessados nas causas e tratamentos dos males que fazem parte do dia-a-dia do que nas recentes descobertas

científicas e tecnológicas de algum país. É a busca de informação contextualizada e aplicada/aplicável ao referencial mais próximo: o pessoal.

Os jornais parecem estar tomando consciência dessa simplicidade e, em torno de variações “o que isso muda na sua vida” ou “veja como isso afeta você”, as conquistas e descobertas em C&T são elaboradas de forma a potencializar a aproximação com o leitor e manter o quesito “interesse” em alta.

O caderno *Vida*, que circula aos sábados, encartado no jornal *Zero Hora*, é um bom exemplo desse novo Jornalismo Científico, voltado aos interesses do leitor. Com o slogan “Você faz o Vida”, o leitor é incentivado a participar de uma enquete e selecionar, entre três temas propostos, qual o assunto que gostaria de ver como reportagem na próxima edição.

A maior proximidade com os interesses dos leitores ainda não conseguiu, contudo, romper com dois problemas recorrentes do Jornalismo Científico: a procedência das matérias e a monofonia das fontes.

5 A PROCEDÊNCIA DAS MATÉRIAS CIENTÍFICAS

Os critérios subjetivos que norteiam a escolha de áreas que merecem maior cobertura, do material que deve ser publicado e da própria hierarquização da editoria de C&T em cada veículo de comunicação refletem a responsabilidade social do Jornalismo Científico, pois determinam o “tipo” de ciência a que o público leitor terá acesso, o grau de adequação à realidade brasileira e um maior ou menor estímulo para que a comunidade científica nacional divulgue suas pesquisas.

Já em 1984, afirmava Bueno que:

As notícias sobre Ciência e Tecnologia aparecem nos veículos brasileiros de maneira regular, mas se constituem geralmente de matéria oriunda das agências internacionais ou são traduzidas de periódicos estrangeiros.

Raramente o jornalismo nacional dedica espaço à notícia científica que relata fatos da cena brasileira. (BUENO, 1984, p.52-53).

O desequilíbrio entre notícias nacionais e estrangeiras pode ser creditado a diversos fatores. Entre eles, salienta-se que poucas instituições brasileiras têm o hábito sistemático de divulgar suas pesquisas espontaneamente. A essa atitude mais passiva contrapõe-se uma posição extremamente ativa das agências de notícia internacionais, especialmente de alguns países e em relação a alguns temas. Dos países estrangeiros, os Estados Unidos ocupam o primeiro lugar em procedência de notícias do que é publicado no Brasil sobre C&T.

Entre as razões para esses altos índices norte-americanos de divulgação de pesquisas científicas, destaca-se a prática de tradução de matérias publicadas em veículos de comunicação daquele país, com os quais os grandes jornais brasileiros mantêm convênio. É simples, rápido, apresentam informações recentes e, como a maioria das traduções que registram a fonte, isenta o veículo da responsabilidade de uma eventual apuração inexata. Nas redações, o maior problema enfrentado pelos jornalistas nesse caso é a ausência de bons dicionários. Mas a notícia resultante realimenta a falta de contextualização à qual já nos referimos.

Nos jornais de grande circulação nacionais são especialmente freqüentes as traduções de artigos publicados nos americanos *The New York Times*, *News Week*, *Washington Post*, *Los Angeles Times*, ou traduções parciais de textos da inglesa *Nature* e das americanas *Proceedings of National Academy of Sciences* (PNAS) e *Science*. Repórteres de todo o mundo recebem por *e-mail*, com antecedência de uma semana, os artigos científicos que integram a edição. À essa internacionalização do conteúdo somam-se as matérias elaboradas efetivamente por correspondentes brasileiros, jornalistas fixos mantidos pelos principais veículos de comunicação em alguns países, mas cujo teor também são as descobertas científicas internacionais.

Na “linguagem das redações”, a procedência, quando registrada de forma explícita, significa que a notícia foi oriunda daquele país ou cidade. No material que analisamos

observa-se que a maioria das notícias sobre Tecnologia aparece como local, visto não haver registro de tradução ou de agências de notícias. Parece-nos difícil não questionar como é possível um universo de matérias versando sobre tecnologia de ponta, noticiando freqüentemente sobre empresas multinacionais, ilustrando matérias com fotos de agências internacionais possa se constituir em matéria local.

E a explicação é demasiado simples, ainda que enganosa para o leitor: as empresas multinacionais de tecnologia, a maioria com filiais no Brasil, costumam ser excepcionalmente bem estruturadas para a divulgação e dispõem de profissionais treinados para lidar com a imprensa. A quantidade de material informativo é abundante, a qualidade dos *releases*, folhetos, prospectos e, sobretudo, das ilustrações que as acompanham favorecem a publicação.

É a partir desse material que é elaborada grande parte das matérias veiculadas nas seções específicas de Informática ou nos cadernos temáticos da *Zero Hora*, por exemplo, que circulam nas segundas-feiras (Global Tech-Ciência, Tecnologia e Inovação), quintas-feiras (ZH-Digital) e aos sábados (Informática); um material que pode até ter vindo do bairro ao lado e ter tido uma versão final produzida pelo repórter, mas cujo teor e contextualização da informação não são nacionais.

Poucas vezes nos damos conta que a leitura do jornal é a leitura de uma leitura. A realidade, os acontecimentos nos são apresentados previamente selecionados, lidos interpretados. Algo é retirado de um determinado contexto, moldado e transferido para um outro, no qual ganha novos sentidos e relevâncias que lhe são imputados desde uma teia imperceptível de interesses.”(COSTA, 2002, p. 2).

Não dispomos de dados para avaliar até que ponto os leitores dos jornais se preocupam (ou sequer percebem) a procedência das matérias. Consideramos a procedência como um “código” que evidencia como a notícia deve ser lida, em que contexto ela se encaixa, a quem ela interessa. Por esse motivo o que ocorre nos cadernos temáticos de

Tecnologia talvez seja mais grave do que a presença exacerbada de traduções no corpo dos jornais.

Ressalta-se também a baixa presença dos demais países da América Latina no material sobre C&T que é veiculado no Brasil, talvez em decorrência de ser ainda pequeno o volume de informações enviadas às redações.

Claro que em diversos países latino-americanos, a começar pelo próprio Brasil, pesquisa-se em quantidade e qualidade internacionais. Contudo, os resultados desses projetos raramente chegam às redações, seja porque os jornais não possuem uma equipe de jornalistas científicos dimensionada para acompanhar constantemente o que vem sendo pesquisado pelas instituições, seja porque os centros de pesquisa não divulgam seus trabalhos.

[...] São várias as razões do distanciamento entre a produção científica e sua divulgação em jornais, revistas, televisão, rádio e internet. A falta de interesse dos pesquisadores que se destacam no meio acadêmico em popularizar o seu saber é uma delas. Há cientistas que, por receio de serem mal interpretados pelo jornalista ou por mero desinteresse em formas de divulgação para o grande público, simplesmente se negam a conceder entrevistas. Muitos desses têm uma produção científica que lhes assegura espaço nos melhores periódicos científicos, considerando desnecessária a popularização do seu conhecimento. Outros evitam expor na mídia suas idéias por falta de segurança em relação a seu trabalho ou medo de ser avaliado por milhares ou até milhões de pessoas, dependendo do meio de comunicação, em vez do público restrito das revistas científicas (FALCÃO, 2005, p. 102).

Acreditamos que, da mesma forma como os centros de pesquisa brasileiros não têm o hábito de enviar material divulgativo para os jornais, tampouco o faz a maioria das instituições latino-americanas. Paralelamente, os jornais raramente traduzem material das revistas e periódicos latinos. Por último, mas não menos importante, há uma monofonia recorrente nas fontes do Jornalismo Científico nas reportagens sobre Ciência.

6 A MONOFONIA DO JORNALISMO CIENTÍFICO

Qualquer repórter sabe que todas as fontes têm seus compromissos com o capital, ideologia, política ou mesmo objetivos pessoais. Essa certeza demanda cuidados permanentes e estratégias com sua seleção, a começar pela avaliação prévia dos antecedentes da fonte, sua trajetória, interesses e patrocinadores.

Talvez por isso uma das características do Jornalismo Científico – e da imprensa de modo geral – seja a presença dos mesmos nomes nas entrevistas e matérias. Jornalistas entrevistam expoentes de cada especialidade, uma vez que é em torno do seu renome que a notícia ganha “peso” e credibilidade. Esses profissionais, há muito acostumados a darem entrevistas e seguros das informações que estão sendo passadas aos jornalistas, costumam ser boas fontes de informações e, não raro, ótimos entrevistados. A dificuldade, nesse caso, é conseguir que o pesquisador explique pacientemente o que esse ou aquele dado significa, ajudando o jornalista a traçar um panorama mais geral para o leitor. Afinal, como já dito, o Jornalismo é uma prática mediadora do social.

A utilização das mesmas fontes repetitivamente, especialmente as oficiais, apesar das possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias (que permitem, por exemplo, a investigação jornalística assistida por computador, com a ampliação do repertório de fontes com baixo custo e boa agilidade), é um dos traços constitutivos do Jornalismo Científico e já responde por boa parte da monotonia da área, mas constitui-se em apenas um dos aspectos da monofonia à qual nos referimos. Monofonia que permeia a grande imprensa de modo geral, apesar dos famosos manuais de redação, nos quais “ouvir os dois ou mais lados” é o mínimo que se espera antes de redigir uma matéria. Ponto e contra-ponto, estratégia que ajuda os veículos na construção da credibilidade e é requisito saudável para práticas mediadoras.

No Jornalismo sobre Ciência registra-se uma alteração significativa dessa premissa. Ao entrevistarem cientistas, técnicos e pesquisadores, os jornalistas esquecem-se dessa

máxima, talvez por ser a ciência um “discurso competente” (CHAUÍ, 1990), ou seja, aquele que pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado. É um discurso onde os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar, no qual os lugares de fala (quem fala e para quem fala), as circunstâncias e o conteúdo já foram autorizados pela própria competência. O que, nem remotamente, significa que seja um discurso desinteressado ou neutro.

Contudo, observa-se que nem sempre há versões ou contraditório na cobertura de ciência. Ao repórter, nesses casos, parece caber apenas a tarefa de “traduzir” para o português corrente a especificidade da pesquisa. A posição da fonte não é cotejada com outras que a ela se contraponham ou complementem. Na base de tudo, o senso comum: a ciência é a verdade, irrefutável a não ser por si mesma no decorrer de sua evolução e por seus próprios métodos.

Nas coberturas de C&T, a aparente neutralidade do texto do repórter é, na realidade, a voz da fonte. Um único ponto de vista; fragmentos de um estudo, de um grupo de pesquisadores, de um profissional. Uma visão parcial e diretamente interessada, potencializada pela forma verbal da não pessoa, estratégia utilizada no processo de enunciação jornalística, que propicia ao discurso jornalístico, bem como ao discurso científico, a credibilidade da narração dos fatos. Fatos que apresentados em versões isoladas e únicas não podem, *à priori*, serem considerados isentos.

O ideal seria que o Jornalismo Científico vivesse apenas de matérias resultantes de entrevistas e coleta de dados efetuadas realmente pelo repórter, com diversos pesquisadores, buscas amplas em arquivos, não só do jornal, mas também em base de dados, bibliotecas e centros de pesquisas. Isso, contudo, é utopia, não apenas no Jornalismo Científico, mas em qualquer editoria de um jornal da grande imprensa.

A premência do tempo na apuração reforça a necessidade de boas fontes de informação, inclusive porque não raro as entrevistas/checagem de informações são feitas por telefone ou *e-mail*. Essa é uma das grandes vantagens das empresas que mantêm a

mesma equipe cobrindo C&T, pois, uma vez conquistada a confiança recíproca, cientistas e jornalistas aprimoram o acesso e a facilidade de diálogo.

7 ILUSTRAÇÕES NO JORNALISMO CIENTÍFICO

Uma matéria, ainda que bem elaborada e absolutamente correta, pode perder grande parte do seu valor informativo potencial se os editores descuidam-se do próprio trabalho de edição, veiculando matérias sem nenhum atrativo gráfico-visual.

Esse é um quesito em que o Jornalismo Científico evoluiu sobremaneira, graça aos infográficos, onde a imprensa está aprendendo a utilizar as imagens para guiar o leitor pelos labirintos da Ciência. Nos jornais impressos diários a utilização do Infojornalismo, também sob a denominação de infográfico ou infografia, caracteriza-se como um gênero jornalístico, com representações predominantemente icônicas, que servem de complemento a uma notícia.

Rublescki (1993, p. 140), em estudo de caso nos jornais *O Globo* e *JB*, afirmava que: “a edição das matérias que versam sobre C&T é simples, sem uso de cores, com baixo índice de ilustrações, seguindo sempre as mesmas duas (*JB*) ou três (*O Globo*) opções de diagramação.” Decorridos 15 anos e com as ilustrações acompanhando as possibilidades tecnológicas gráfico-visuais, observa-se que as notícias da área também ganham novos *layouts* e paginações. O uso de cor tornou-se constante. Os infográficos ganham uso freqüente, facilitando, de fato, a compreensão de fenômenos que longas linhas de texto nem sempre obtinham.

A popularização dos cadernos temáticos em toda a grande imprensa nacional acarreta também mudanças. Mesmo que esses suplementos tenham um cunho mercadológico, observa-se que um caderno independente possibilita o uso de uma linguagem mais diversificada e informal. Os textos são significativamente mais longos, bem

como os títulos das matérias, com frequência complementados por subtítulos. O uso de ilustrações é aqui realmente uma constante, sendo usual matérias serem ilustradas com várias fotos, infográficos, gráficos e desenhos. As páginas são apresentadas com um *design* mais leve, com predominância de cor. É o Jornalismo Científico em busca do seu leitor.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornalismo Científico tem sido discutido na literatura nacional e internacional de forma fragmentada, ora priorizando seus aspectos operacionais, ora com enfoque conceitual. A justaposição das duas abordagens nos parece indispensável para a compreensão da área e mensuração dos seus desdobramentos.

As questões que permeiam as notícias científicas na grande imprensa não são quantitativas, como comprova o crescimento de matérias que permeiam C&T. Os problemas de transferência de Informação Científica e Tecnológica para os leitores relacionam-se mais diretamente com a procedência das notícias veiculadas e com a falta de contextualização das notícias. É necessário rever a prática de tradução que transforma os cadernos e suplementos dos jornais em mediação entre campos sociais de realidade alheia à brasileira.

O perfil de Jornalismo que se delinea na imprensa de modo geral – fragmentado, mosaico, leve, informativo e prestador de serviços – é o mesmo que se pratica na cobertura de C&T. No caso específico da revista *Veja* – maior revista de informação do País – fica-se com a impressão de que basta apostarmos na boa forma física e acompanhar as últimas conquistas médicas ou tecnológicas do mercado para estarmos bem informados sobre C&T.

Assim, cada vez mais, o Jornalismo promove uma simplificação do mundo, limitando a abrangência das notícias e a seleção das fontes. Gans (1979) é um dos autores que credita à imprensa e à insegurança dos repórteres o uso repetitivo das mesmas fontes, oficiais e familiares, por receio de obter informações novas, contraditórias ou não validáveis.

Nesse aspecto, a formação de profissionais através da expansão de cursos de pós-graduação com foco no Jornalismo Científico, com a conscientização de uma geração jovem de jornalistas, tende a ampliar as pautas e trazer para a imprensa profissionais mais bem preparados para lidar com as especificidades da área. A diversidade de temas e enfoques, já particularmente abrangente hoje, tende a continuar crescendo.

Ao jornalista cabe desenvolver o instrumental necessário para dar conta da realidade social e cumprir a responsabilidade inerente ao campo. Defende-se para o Jornalismo Científico, bem como para a imprensa de modo geral, a necessidade de envolvimento do leitor com as questões públicas, mais do que a satisfação imediata propiciada por um jornalismo leve e fragmentado.

Medicina e Saúde são as duas grandes áreas que despertam maior interesse dos leitores, ao menos os da amostragem analisada em *Zero Hora* e na revista *Veja*. Em decorrência, são as chamadas de capa que mais se fazem presentes. Destaque temático também para várias interfaces da Tecnologia. Observa-se uma diagramação mais apurada das matérias de C&T em relação aos anos 1990, com uso abundante de ilustrações diversas.

O baixo índice de notícias nacionais que chegam às redações demonstra não haver um relacionamento sistemático entre a imprensa e os centros de pesquisa brasileiros, acentuando o distanciamento entre o que é publicado e o que é desenvolvido em nosso País. Faz-se necessário empenho de ambos os lados para estreitar o fluxo de Informação Científica e Tecnológica.

Artigo submetido em 28/04/2009 e aceito para publicação em 21/07/2009.

REFERÊNCIAS

BENETTI, M. A ironia como estratégia discursiva da revista Veja. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 16., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Compós, 2007. p. 1-10.

BERGER, C. **Campos em confronto**: a terra e o texto. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

BUENO, W. **Jornalismo Científico no Brasil**: os compromissos de uma prática dependente. 1984. 172p. Tese (Doutorado Ciências da Comunicação– Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

_____. **Jornalismo Científico**: resgate de uma trajetória. [200-?]. Disponível em: <http://editora.metodista.br/COM30/cap_10.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2009

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 1990.

COSTA, B. de S. **Estética da violência**: jornalismo e produção de sentidos. Campinas: Editora Unimep, 2002.

EDITORIA. In: RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

FALCÃO, V. Dupla hélice. In: VILAS BOAS, S. (Org.). **Formação e Informação científica**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2005. p. 89-104.

GANS, H. **Deciding what's news**: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. New York: Pantheon Books, 1979.

OLIVEIRA, F. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

RODRIGUES, A. **Estratégias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

RUBLESCKI, A. **Jornalismo Científico**: o dia-a-dia das redações. 1993. 151 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, convênio CNPq-IBICT, Rio de Janeiro, 1993.

SERRA, S. Relendo o gatekeeper: notas sobre condicionantes no jornalismo. **Contemporânea**, v. 2, n. 1, p. 93-113, jan./jun. 2004.

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Santa Catarina: Argos-Letras Contemporâneas, 2002.

_____. (Org.). **Jornalismo de referência**. Porto: Figueirinha, 2004.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005. (v. 1)

_____. **O estudo do jornalismo no século XX**. Porto Alegre: Unisinos, 2001.

_____. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

TUCHMAN, G. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZAMBONI, L. **Heterogeneidade e subjetividade no discurso da divulgação científica**. 1997. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.